

VERGÍLIO FERREIRA E O ESPANTO DE EXISTIR: UMA INTERPRETAÇÃO DE *APARIÇÃO*

Maurício Silva*

Resumo: o presente artigo analisa o romance *Aparição* de Vergílio Ferreira, destacando aspectos que contribuem para a constituição de um singular universo fictício, caracterizado sobretudo pela introspecção e responsável por sua inserção na linhagem existencialista da literatura ocidental. Em *Aparição*, o existencialismo conhece, por assim dizer, várias dimensões, pois provoca a secção do *eu* em *outro*, cujo mútuo reconhecimento é apenas pressuposto ou sugerido, jamais certo, fazendo emergir, repentina e inexoravelmente, a consciência do próprio ser.

Palavras-chave: Vergílio Ferreira; romance; introspecção; existencialismo.

VERGÍLIO FERREIRA AND THE ASTONISHMENT TO EXIST: AN INTERPRETATION OF *APARIÇÃO*

Abstract: the present article aims to analyze the novel *Aparição* of Vergílio Ferreira, highlighting aspects that contribute to the constitution of a singular fictitious universe, characterized above all by introspection and responsible for its insertion in the existentialist language of the Occidental Literature. In *Aparição*, existentialism know, so to speak, several dimensions, because it causes the section of *I* in *another*, whose mutual recognition is only assumed or suggested, never sure, bringing out, suddenly and inexorably, the consciousness of being itself.

Keywords: Vergílio Ferreira; novel; introspection; existentialism.

Publicado em 1959, o romance *Aparição* de Vergílio Ferreira possui - a par de uma complexidade estrutural e simbólica flagrantes - um enredo bastante simples: trata-se da história da ida do professor Alberto Soares a Évora, onde permanece por um ano, ministrando aulas no liceu local. Ali, passa a frequentar a casa de Moura e sua família, conhecendo suas três filhas (Ana, Cristina e Sofia), além de se relacionar com outros moradores da cidade (Alfredo, Chico, Carolino etc.). Sua estada em Évora acaba provocando - involuntariamente - uma série de acontecimentos inesperados, culminando com a morte de Sofia (com quem tivera um complexo relacionamento amoroso) e seu afastamento da cidade.

*Doutor pela Universidade de São Paulo. Professor da Universidade Nove de Julho (São Paulo).

Afora essa trama, como dissemos, simples, todo o restante revela um inusitado enredamento, a começar pela caracterização das personagens principais (Alberto e Sofia), as quais - na categorização de Forster (1969) e Cândido (1987) - podem ser definidas como *personagens esféricas*, isto é, construídas a partir de um deliberado aprofundamento psicológico. Outra complexidade evidente diz respeito, ainda, à constituição da narrativa, que se manifesta sob dois planos distintos, mas inter-relacionados: o plano da enunciação e o plano do enunciado, estrutura que se desdobra - consequentemente - em presente e passado, narrador puro e narrador personagem, macrofábulas e microfábulas, de acordo com a análise estruturalista de Salvatore D'Onofrio (1983).

Uma análise igualmente de natureza estruturalista - como a de Maria Lúcia Dal Farra (1978) - dá conta não propriamente dos planos da narrativa do romance, mas de suas consequências no âmbito do discurso empregado na obra, em que a distância entre narrador e personagem é eliminada por meio do emprego da função poética da linguagem.

Mas é necessário que saiamos dos limites das análises estruturalistas, para que possamos alcançar outros aspectos da dimensão estética do romance de Vergílio Ferreira.

Narrado em primeira pessoa, *Aparição* possui, desde o princípio, um incisivo tom memorialístico, mesclando - como um caleidoscópio temporal - duas fases distintas, mas que se entrecruzam, vividas pelo autor: uma presente, em que narra, num casarão solitário, os acontecimentos vividos no *agora*; outra passada, que ganha continuidade numa miríade de fatos pretéritos, por meio dos quais o narrador recorda fatos vividos no *outrora*. No final das contas, prevalece mesmo, como afirmamos, seu sentido memorialístico, presente em quase todos os capítulos do romance, tudo resumindo-se a um conjunto quase indistinto de recordações sem fim: “neste vasto casarão, tão vivo um dia e agora deserto, o outrora tem uma presença alarmante e tudo quanto aconteceu emerge dessa vaga das eras com uma estranha face intocável e solitária” (FERREIRA, 1983, p. 22).

Assim, o autor - imbuído de uma personalidade única, no seu imaginar-se a si mesmo - vai tecendo a existência presente com os fios da memória do passado, fios que se multiplicam, fios que se entrelaçam, fios que se ligam uns aos outros num contínuo e ininterrupto gerar-se, reproduzir-se, desenvolver-se.

Neste sentido, pode-se dizer que *Aparição* é um romance, para além de memorialístico, *existencialista*, em que o viver humano apresenta-se construído sob o imponderável peso da solidão e povoado por indefectíveis silêncios. Suspenso pelos fios da memória, esse romance autenticamente proustiano - na acepção que tal designativo possa ter de busca-do-tempo-perdido - pode, portanto, ser definido como existencialista num sentido lato: reconstrói o mundo do narrador a partir de indagações que nascem, simplesmente, do *espanto de existir*, numa linhagem literária que vai de Camus a Artl, de Buzatti a Malraux, de Lúcio Cardoso a Virginia Wolf: “lembro-me bem dessa primeira chuvada de Inverno, porque a chuva tem para mim o abalo da revelação e abre como auréola o halo da memória ao que nela aconteceu” (FERREIRA, 1983, p. 70).

Com efeito, seu existencialismo manifesta - como em todos os autores citados - como autêntica aventura humana, não isenta da irrefreável consciência da morte, em sua luta insana contra um viver irracional. É o resgate, sem dúvida, das mesmas inquiuições essenciais que, desde a tradição lírica camoniana, perscrutam infatigavelmente os mais recônditos segredos do ser: em *Aparição*, emerge como temática principal do romance a própria *condição humana*, explorada no indissolúvel dilema entre a vida-sem-sentido e a morte-sem-razão. De fato, como já ressaltou uma vez Nelly Novaes Coelho (1973, p. 209-247),

Aparição é o romance onde Vergílio se debruça sobre o ser-em-si e projeta num plano vertical a sondagem da aventura humana. Seu herói, Alberto, busca o ‘eu’ essencial - aquele que se oculta sob a forma do *existente* e cuja verdade autêntica só é alcançada [...] numa súbita e fugaz ‘aparição’, porém jamais apreensível pelo conhecimento lógico-objetivo [...] No conflito íntimo de Alberto e nos dramas das demais personagens configura-se a problemática existencialista: a conscientização do ‘eu’ absurdamente voltado para a morte e a obscura certeza de que é no Homem que estão as respostas definitivas.

Em *Aparição*, o existencialismo conhece, por assim dizer, várias dimensões, pois provoca a secção do *eu* em *outro*, cujo mútuo reconhecimento é apenas pressuposto ou sugerido, jamais certo, fazendo emergir, repentina e inexoravelmente, a consciência do próprio ser:

no outro dia, assim que me levantei, coloquei-me no sítio donde me vira ao espelho e olhei. Diante de mim estava *uma pessoa* que me fitava com uma inteira individualidade que vivesse em mim e eu ignorava. Aproximei-me fascinado, olhei de perto. E vi, vi os olhos, a face desse alguém que me habitava, *que me era* e eu jamais imaginara. Pela primeira vez eu tinha o alarme dessa viva realidade que era eu,

desse ser vivo que até então vivera comigo na absoluta indiferença de apenas ser e em que agora descobria qualquer coisa *mais*, que me excedia e me metia medo (FERREIRA, 1983, p. 64).

Não é de se espantar que isso aconteça, pois para o autor esse desdobramento do *eu* em *outro* nasce do reflexo da realidade que se espelha no mundo das formas, lembrando o célebre mito platônico das cavernas:

há uma vida atrás da vida, uma irrealidade presente à realidade, mundo das formas de névoa, mundo incoercível e fugidio, mundo da surpresa e do aviso. Assim, o próprio presente pode ter a voz do passado, vibrar com ele à obscuridade de nós (FERREIRA, 1983, p. 71).

Nesse universo habitado por seres que, embora conhecidos, parecem tão distantes, cuja intimidade necessita ser, a todo instante, conquistada ou seduzida, há apenas uma figura que mantém - contraditoriamente, por sua ausência física - uma presença *memorialística* constante: a figura do pai. Com efeito, é essa mesma figura que emerge, no romance, como ponto de partida e de chegada, como modelo e referência existenciais, como meta a ser alcançada - ânsia que se objetiva numa relação atavicamente metafísica. Porém - e aí reside, ao mesmo tempo, a grandiosidade e a fragilidade da figura paterna -, seu pai, na realidade, não passa de difusa e quase impalpável lembrança:

como os místicos em certas horas, eu sentia-me em *secura*. Fechei os olhos raivosamente e quis ver. Regressava à aldeia, a essa noite em Setembro, quando meu pai morreu. Se tu viesses, imagem da minha condição... Se *aparecesses*... Como me esqueces tão cedo, como te sei e te não vejo! (FERREIRA, 1983, p. 39).

Perseguido pela lembrança do pai - a qual, contudo, não deixa, por sua vez, de perseguir -, o autor passa a fazer parte de uma engrenagem em que o *eu* se revela múltiplo, buscando as similitudes possíveis com a figura paterna. Com efeito, a hipertrofia do *eu* na obra de Vergílio Ferreira é uma das questões mais candentes desse seu romance, como já se disse uma vez: “em *Aparição*, ocorre a hipertrofia do ‘eu’, tentando conhecer-se e ao mesmo tempo buscando integrar-se com outros ‘eu’, no sentido de atingir a verdade” (DÉCIO, 1982, p. 87).

O autor tem consciência de que, não obstante, é a memória, ainda uma vez, o fio condutor de sua existência humana, uma existência vivida como *mise-en-abîme*. Para o autor, assim, viver se resume à lembrança de um passado remoto, em oposição à

realidade mais imediata: “a evidência da vida não é a imediata realidade mas o que a transcende e estremece na memória” (FERREIRA, 1983, p. 117).

Logo, toda essa dispersão do ser (aparente ou real), toda essa inexorabilidade do existir (forçada ou consentida) é resgatada, no final, pela profunda consciência da *essencialidade do ser*, uma ideia que, conquanto se mostre conceitualmente pleonástica, possui o inestimável mérito de expor a própria psicogênese dessa mesma consciência, como revela uma das mais antológicas passagens do romance:

SOU. Jacto de mim próprio, intimidade comigo, eu, pessoa que é em mim, absurda necessidade de ser, intensidade absoluta no limiar da minha aparição em mim, esta coisa, esta coisa que sou eu, esta individualidade que não quero apenas ver de fora como num espelho mas sentir, ver no seu próprio estar sendo, este irredutível e necessário e absurdo clarão que sou eu iluminando e iluminando-me, esta categórica afirmação de ser que não consegue imaginar o ter nascido, porque o que eu sou não tem limites no puro acto de estar sendo, esta evidência que me aterra quando um raio da sua luz emerge da espessura que me cobre. E estas mãos, e estes pés que são meus e não são meus, porque eu sou-os a eles, mas também *estou* neles, porque eu vivo-os, são a minha pessoa e todavia vejo-os também em cima, de fora, como a caneta com que vou escrevendo...” (FERREIRA, 1983, p. 180).

Reflexão sobre a vida, sobre o ser-alguém-no-mundo, sobre - como dissemos - a essencialidade do ser. Enfim, sobre a existência. Num plano pouco conceitual, como é o da linguagem ou do estilo, a narrativa de *Aparição* procura manter a mesma “introspecção”, manifesta por meio de um jogo de tempos verbais, de insólitas e inesperadas metáforas, de uma adjetivação difusa, um tanto simbólica, como se percebe, por exemplo, em *mãos subtis, silêncio inconsútil, céu espumoso, dente ingênuo* ou *olhar oblíquo*.

Desse modo, o autor procura aliar a essa linguagem singular uma verdadeira profusão de sentidos, imagens e recordações, tudo a compor o perfil psicológico do protagonista, o que quase nos faz esquecer - como sugerimos no início - que há um enredo, uma trama, uma ação romanesca. E, curiosamente, é essa quase falta de ação (ou, sob uma ótica diversa, essa ação em filigranas) - adensada pelos contornos de uma psique sutil, mas caudalosa, introvertida, mas abismal -, que faz do romance uma obra de impacto, capaz de causar a mais profunda impressão, não raro um doloroso incômodo. É que, pelos olhos do artista, perscrutamos nossa própria alma; com suas palavras, falamos ao nosso próprio íntimo; e suas dúvidas, anseios e angústias

compõem, no final das contas, nossa própria vertigem de viver, nosso mais inexplicável *espanto de existir*.

E, ao terminarmos o livro, já não somos o mesmo...

Referências

CÂNDIDO, Antônio. "A Personagem do Romance". In: CÂNDIDO, Antônio *et alii*. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1987. p. 51-80.

COELHO, Nelly Novaes. "Vergílio Ferreira. Ficcionalista da Condição Humana". In: _____. **Escritores Portugueses**. São Paulo: Quíron, 1973. p. 209-247.

DAL FARRA, Maria Lúcia. **O Narrador Ensimesmado** (*O Foco Narrativo em Vergílio Ferreira*). São Paulo: Ática, 1978.

DÉCIO, João. "A problemática do 'eu' no romance de Vergílio Ferreira". **Arquivos do Centro de Estudos Portugueses**, Curitiba, Universidade Federal do Paraná, Vol. 4, No. 1, p. 85-94, Jan. 1982.

D'ONOFRIO, Salvatore. **O Texto Literário. Teoria e Aplicação**. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

FERREIRA, Vergílio. **Aparição**. São Paulo: Difel, 1983.

FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do Romance**. Porto Alegre: Globo, 1969.